

O PAPEL DO IMAGINÁRIO NA FORMAÇÃO DE INFERÊNCIAS NA LEITURA¹

Sandra Regina Tornquist²

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de demonstrar que o imaginário, tomado sob o aspecto criador que lhe atribuem estudiosos como Gilbert Durand e Michel Maffesoli, entre outros, atua de forma decisiva sobre os tipos de inferências formadas a partir da leitura. Desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica, este trabalho apresenta, inicialmente, os conceitos de imaginário adotados, bem como o material de pesquisa relativo à inferência em leitura, de maneira especial a obra *Leitura: inferências e contexto sociocultural*, de Regina Lúcia Péret Dell’Isola, com complementações a partir de obras de outros autores. Por fim, é analisado o papel desempenhado pelo imaginário na formação de inferências no ato de leitura. Através do estudo realizado, pode-se perceber que a inferência, criada na mente do leitor durante a leitura, é fruto do imaginário, sendo este fundamental na formação daquela, na medida em que aumenta o número de leituras possíveis. Por outro lado, a leitura também tem seu papel na constituição do imaginário, pois permite a formação de novas imagens que vão compô-lo e enriquecê-lo.

Palavras-chave: Leitura. Imaginário. Inferência. Compreensão.

INTRODUÇÃO

A leitura, no sentido mais amplo da palavra, “é um ato de afirmação social, uma interação com outros indivíduos e uma atividade situada num contexto sócio-histórico.” (DELL’ISOLA, 2001, p. 11) Quando entendida dessa forma, a leitura deixa de ser a simples assimilação passiva, e passa a ser um processo que leva “o leitor não apenas à aquisição cumulativa de informações, mas a saber pensar, com o que se aprimora também o exercício da cidadania” (ZILBERMAN, 2001, p. 7).

Dell’Isola, através da obra *Leitura: inferências e contexto sociocultural*, contribui de forma significativa para demonstrar a veracidade das afirmações acima, apresentando de maneira clara o conceito de inferência e seu papel na compreensão leitora. Em seu estudo,

a autora analisa o papel do contexto sociocultural na geração das inferências, comprovando a sua importância através dos resultados de uma pesquisa realizada com estudantes de classes sociais distintas. No presente trabalho, será aproveitado o avanço alcançado pela autora nesse sentido, enfatizando-se, porém, ao invés do contexto, o papel do imaginário na leitura e, mais especificamente, no processo inferencial.

Para isso, primeiramente, serão apresentadas as concepções de imaginário e inferência adotados, para posterior abordagem da importância daquele na geração desta durante o ato de leitura.

1 IMAGINÁRIO

Ao longo dos tempos, o termo imaginário tem sido empregado com diferentes significados, o que torna essencial a apresentação da concepção que se adota neste estudo, na medida em que esse conceito é considerado um dos elementos importantes na formação de inferências em leitura.

Numa visão popular, costuma-se opor o imaginário ao real, ao verdadeiro. “O imaginário seria uma ficção, algo sem consistência ou realidade, algo diferente da realidade econômica, política ou social, que seria, digamos, palpável, tangível. Essa noção de imaginário vem de longe, de séculos atrás” (MAFFESOLI, 2001, p. 74-75).

No entanto, a concepção de imaginário adotada para este trabalho distingue-se da citada, aproximando-se da visão defendida por Gilbert Durand (2002, p. 18), segundo a qual o imaginário é o “conjunto de imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*”, representando “o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano”.

Aliada à concepção de imaginário está a de imagem. Gilbert Durand, na obra *A imaginação simbólica* (1988, p. 68), caracteriza as imagens como sementes que fazem “criar aquilo que vemos.” Ao falar em imagens, refere-se também à “representação concreta, sensível, de um objeto material ou ideal, presente ou ausente do ponto de vista perceptivo, com um papel eminentemente mediador e relacional dentro da organização imaginária, evidenciando o dinamismo do imaginário” (TEIXEIRA, 2001, http://www.cice.pro.br/textos/cecilia_rio.doc),

Explicando de outra forma:

O imaginário não é nem um lugar, nem um objeto; é um sistema, uma relação, uma lógica dinâmica da composição das imagens, uma ponte imaterial, mas ao mesmo tempo real, na medida em que procura estabelecer um conjunto de relações e sentidos dessas imagens, que poderiam ser ininteligíveis se mantidas fragmentadas, isoladas. [...] É o imaginário que nos revela o mundo em que vivemos. (PIVA, 2003, p. 53)

É importante ressaltar que, conforme Durand (1995, p. 20), “não há um corte separando o sujeito do objeto, o imaginário da razão, o sagrado do profano”. Essa é uma afirmação importante, na medida em que vincula o imaginário à realidade e não à ilusão ou à fantasia, como muitas vezes acontece na visão popular. Acrescente-se que o imaginário não é algo individual, mas “algo que ultrapassa o indivíduo e impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo”. (MAFFESOLI, 2001, p. 76)

Retomando, de maneira sucinta, pode-se afirmar que o imaginário é, conforme Durand (1999, p. 117), próprio da natureza humana, podendo ser definido como “uma representação incontornável, a faculdade de simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente desde os cerca de um milhão e meio de anos que o *homo erectus* ficou em pé na face da Terra”.

2 INFERÊNCIA

A inferência é descrita por Dell’Isola (2001, p. 12), de modo simplificado, como a “atividade cognitiva de gerar informações novas a partir de informações dadas”. Ela pode ser entendida ainda como a “capacidade de passar indiretamente de uma proposição para outra fazendo a ligação com outras proposições” (LEFFA, 1996, p. 89).

Essa capacidade é parte essencial do processo de leitura e compreensão de textos, pois a informação é somente parcialmente dada de maneira explícita por eles, “grande parte da informação textual é obtida apenas por implicação. Essa parte implícita de representação é a inferência.” (DELL’ISOLA, 2001, p. 51)

Nesse sentido, as inferências não são algo presente no texto, ocorrendo, pelo contrário, na mente do leitor, durante a leitura. Assim, “o leitor traz para o texto um universo individual que infere na sua leitura, uma vez que extrai inferências determinadas por contextos psicológico, social, cultural, situacional, dentre outros” (Ibidem, p. 44). Essa idéia é reforçada por Ingedore Koch (2005, p. 17), quando afirma que “o sentido de um

texto é [...] construído na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexista a essa interação”.

Assim, a leitura, por intermédio das inferências, estabelece “uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reorganização do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais” (MARTINS, 1986, p. 66).

No entanto, o leitor nem sempre tem ciência das inferências que faz durante sua leitura, pois se trata de um processo muito rápido, que ocorre em milésimos de segundo. Durante esse processo, conforme Dell'Isola, o leitor preenche as lacunas de coerência textual, bem como complementa as estruturas de conhecimento existentes.

Em *Leitura: inferências e contexto sociocultural*, Dell'Isola apresenta vários tipos de inferências, conforme as classificações de diferentes estudiosos ao longo do tempo. Neste trabalho será utilizada a classificação de Marcuschi, que apresenta três grandes grupos de inferências, quais sejam, inferências lógicas, inferências analógico-semânticas e inferências pragmático-culturais.

A este estudo interessam principalmente as inferências do terceiro grupo, ou seja, as inferências pragmático-culturais, que se relacionam com “os conhecimentos pessoais, crenças e ideologias dos indivíduos. Os responsáveis por esse tipo de inferências são a formação individual e a condição sociocultural do leitor ou do ouvinte” (DELL'ISOLA, 2001, p. 84), ao que se acrescenta, aqui, a influência do imaginário.

Sintetizando o conceito de inferência, pode-se afirmar que ela “revela-se como conclusão de um raciocínio, como elaboração de pensamento, como uma expectativa. Sua manifestação envolve estados afetivos individuais e reações socialmente marcadas, que, sob a forma de confiança ou inquietação, constituem diferentes graus de crenças” (Ibidem, p. 42).

3 O IMAGINÁRIO E A GERAÇÃO DE INFERÊNCIAS NA LEITURA

Após apresentados os elementos sobre os quais se constrói este estudo, passa-se agora a uma análise do papel desempenhado pelo imaginário na formação de inferências.

O imaginário, tal como o contexto sociocultural, não pode ser ignorado para a compreensão do que seja e de como se forma a inferência a partir da leitura, já que

constitui, como já citado, “o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (DURAND, 2002, p. 18). Ora, se a inferência é criada na mente do leitor no momento da leitura, então também ela é fruto do imaginário.

Dell'Isola, na obra já citada, faz um estudo muito significativo do papel do contexto sociocultural para a geração de inferências na leitura. Cabe, porém acrescentar que o contexto sociocultural age por meio do imaginário, sendo um dos elementos constitutivos deste, embora não se restrinja a ele.

Tomando somente um exemplo da pesquisa realizada por Dell'Isola (2001, p. 174), nota-se a influência do imaginário em:

A piscina é assim, um, espaço né... pra pessoa descansar dentro da água e relaxar, esquecer tudo que está acontecendo. Eu escrevia sobre um menino que tá... que ninguém compreende ele, assim... ele era um deslocado e, dentro da piscina ele vira, ele torna outra pessoa. Ele tem outras idéias, é mais extrovertido, mais alegre.

Conforme a pesquisadora, essa inferência foi realizada por um adolescente quando questionado sobre o que um texto com título “Piscina” iria tratar. Não se poderia afirmar que, somente pelo contexto sociocultural no qual se insere, o adolescente geraria tal inferência. Dell'Isola faz uma associação de tal inferência com o perfil afetivo do referido jovem, mas é possível ir além e ver aí a força do imaginário. Na verdade, é reveladora, no trecho citado, a função do imaginário como “transformação eufêmica do mundo, [...] como ordenança do ser às ordens do melhor” (DURAND, 2002, p. 432).

Um estudo mais aprofundado do papel do imaginário na formação de inferências durante a leitura na prática exigiria uma pesquisa elaborada e aplicada com esse foco. Mas o exemplo citado, como outros que poderiam ser extraídos da pesquisa de Dell'Isola, são reveladores do inegável papel desempenhado por essa construção mental no processo de leitura.

Da mesma forma, também a leitura tem seu papel na formação do imaginário, na medida em que permite a formação de novas imagens que irão compô-lo e enriquecê-lo, permitindo ao leitor ultrapassar as barreiras impostas pelas condições sociais ou culturais. Para isso, porém, é necessário que a leitura e a compreensão sejam entendidas como “processos ativos, criativos e reconstrutivos. Envolve uma atividade tanto decodificadora como criadora, em que se vai de uma sugestão textual a universos construídos com bases nas experiências e vivências socioculturalmente determinadas” (DELL'ISOLA, 2001, p. 11).

Nas palavras de Maria Helena Martins (1986, p. 17), a leitura deve evidenciar “a curiosidade se transformando em necessidade e esforço para alimentar o imaginário, desvendar os segredos do mundo e dar a conhecer o leitor a si mesmo através do que lê e como lê”.

Concluindo, a partir dos argumentos apresentados, pode-se afirmar que o imaginário desempenha papel fundamental na formação de inferências, na medida em que aumenta as leituras possíveis e transforma-as, assim como estas transformam aquele, num processo de enriquecimento recíproco.

THE FUNCTION OF THE IMAGINARY IN THE FORMATION OF INFERENCES DURING THE READING ACT

ABSTRACT

The objective of the present work is to demonstrate that the imaginary, understood in a creator view, as made by researchers as Gilbert Durand and Michel Maffesoli, among others, acts in a decisive way in the types of inferences formed during the reading act. Developed with basis on bibliographic research, this work presents, initially, the concepts of imaginary adopted, as well as the material relative to the inference in reading, especially the book *Leitura: inferências e contexto sociocultural* (Reading: inferences and social-cultural context), written by Regina Lúcia Péret Dell’Isola, complemented with studies of other authors. Finally, is analyzed the function performed by the imaginary in the formation of inferences during the reading act. Through this study, is possible to percept that the inference, created in the mind of the reader during the reading act, is a product of the imaginary. So, the imaginary is fundamental in the formation of the inferences, because increases the number of possible readings. At the same time, the reading also has an important function in the constitution of the imaginary, because allows the formation of new images that will compose and enrich it.

Keywords: Reading. Imaginary. Inferences. Comprehension.

NOTAS

- ¹ Artigo produzido durante a disciplina de Teorias Cognitivas do Texto, ministrada pela professora Dra. Onici Claro Flores, de 14/02 a 20/04/2007, no Mestrado em Letras da UNISC. A autora realizou uma comunicação a partir deste artigo no III Colóquio
- ² Licenciada em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Aluna do Mestrado em Letras da UNISC.
Atividade profissional: redatora e revisora da D-SIGN Agência de Propaganda.

REFERÊNCIAS

- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- DURAND, Gilbert. *A fé do sapateiro*. Tradução Sérgio Bath. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1995.
- _____. *A imaginação simbólica*. Tradução Liliane Fitipaldi. São Paulo: Cultrix, 1988.
- _____. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- LEFFA, Vilson J. *Aspectos da leitura*. Porto Alegre: Sagra-DC Luzzatto, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. *Famecos*, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PIVA, Mairim Linck. *Das trevas à luz: o percurso simbólico na obra de Caio Fernando Abreu*. Dissertação (Mestrado em Letras). Porto Alegre: PUCRS, 2003.
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. O imaginário como dinamismo organizador e a educação como prática simbólica. In: IV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CENTRO-OESTE, 2001. Mesa-redonda: Cultura, Organização e Educação, UnB, 16/06/2001. Disponível em: www.cice.pro.br/textos/cecilia_rio.doc. Acesso em: 20 jan. 2004.
- ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC-RJ, 2001.